

Igreja Batista do Méier
Rua Hermengarda, 31 - RJ
Cep 20710-010
Telefax: (21) 2599-3000
Site: www.batistadomeier.org.br
E-mail: igreja@batistadomeier.org.br
Organizada em 25 de dezembro de 1918.

Horários:
Domingos:
EBD - 9h
Cultos - 9h, 11h e 19h
Secretaria 8h30/13h
Terças:
Cultos de Oração 6h30 e 14h
Quartas:
Quartas de Vida Plena, 19h30

Os cultos e eventos são transmitidos ao vivo, gravados, fotografados e divulgados pelo site e redes sociais da igreja.

MISSÃO

Chamados para Transformar Vidas

VISÃO

Ser uma família que celebra a vida com Cristo, que compartilha o amor de Deus e vive para fazer diferença no mundo em que está.

VALORES

Alegria, Amor, Comunhão, Discipulado, Fé, Hospitalidade, Humildade, Integridade, Maturidade, Palavra, Serviço

Pilares Ministeriais da IBMéier

EKKLESIA (Igreja) – Ser Povo de Deus, Corpo de Cristo, Morada do Espírito Santo.

KOINONIA (Comunhão) – Viver em comunhão a fim de compartilhar o amor de Deus.

DIAKONIA (Serviço) – Servir aos domésticos da fé e ao próximo por meio dos dons espirituais para supri-los em suas necessidades integrais.

MARTIRYA (Testemunho) – Proclamar o poder transformador de Deus em Cristo por meio do testemunho pessoal, de ações coletivas de evangelismo e do sustento da obra missionária local e no mundo.

Ministérios

Pastor João Reinaldo Purin Jr

Administração

Mary Ruth A. dos Santos Schulze

Adoração e Culto

Luis Armando de Oliveira

Comunhão

Rute Gomes Ferreira

Diaconal

Maria Isabel Barreto Marques Silva

Ensino e Discipulado

Pr. Pedro Jorge Farias

Evangelismo e Missões

Lívia Fontes Farias

Arte

Luiz Menezes



/ibmeier



chamados para transformar vidas.



chamados para transformar vidas.

DANDO NOME AOS ANIMAIS



VISTO & NÃO VISTO



Visitei com alegria e intensa curiosidade o Museu de História Natural de Nova York, um dos pontos altos do passeio que fiz com Arlete - presente pelas Bodas de Rubi. Acervo maravilhoso sobre a história da Terra e do Homem; a visita precisa ser feita com paixão pelo conhecimento, visão aberta para desfrutar da beleza, paciência focada para perceber detalhes, imaginação para se encantar com a vida. Uma parte do Museu me fez lembrar dos netos, Nicolas e Miguel: a exposição dos fósseis. Crianças crescem passando por fases e os dois estavam na fase dos dinossauros: brinquedos, desenhos e filmes sobre o tema eram os objetos de desejo. Enquanto escrevo o Miguel continua nessa fase. Fósseis sempre forçam minha imaginação para criar cenas de como seriam as relações entre os animais e como foram os desafios do homem das cavernas na luta pela sobrevivência. Lembro-me de uma conversa que tive com um jovem que afirmava estar em crise de fé por causa da existência do homem das cavernas; se eles existiram, como ficava o relato da criação no livro de Gênesis? Querendo entendê-lo, perguntei sobre qual seria especificamente a razão de sua crise; ele insistia apenas no fato de que o homem pudesse ter morado em cavernas. Minha resposta continua sendo a mesma: sendo expulso do Éden, o único lugar que vejo como possibilidade de moradia na época seriam as cavernas. A história registra Deus providenciando roupas, num simbolismo de redenção, mas não fala em Deus construindo moradia; que isso não seja um motivo para uma crise de fé. Pareceu-me que ele estava confundindo a teoria da evolução das espécies com a história da evolução da moradia humana; saímos das cavernas, vivemos em altíssimos prédios e já planejamos moradia em outros planetas. Penso que as crises de fé precisam ser vivenciadas na caminhada cristã; quando fruto do ensejo de comunhão mais intensa e íntima com Deus, elas nos impulsionam para o alcance deste desejo. As crises demandam investimento espiritual, emocional e cognitivo; estudo bíblico, a leitura de bons livros e o uso da razão são boas ferramentas. Obviamente não dispense as disciplinas espirituais: oração, meditação, jejum, solitude. Um bom livro me veio à mente: Criação ou evolução; precisamos escolher?, escrito por Denis R. Alexandre.

Compartilho com o autor a experiência com a Bíblia: “A primazia da autoridade da Palavra de Deus. Pessoalmente, considero a Escritura a autoridade final em todas as matérias de fé e conduta. Faço isto desde que me tornei cristão, aos 13 anos de idade. Para mim, a Palavra de Deus tem a última palavra. Ela não está sujeita a nenhuma outra autoridade, não importa sua origem, embora, é claro, nossa interpretação da Escritura seja influenciada por nossa tradição eclesial” (p. 152). Tenho essa convicção desde os 19 anos. Retornando aos fósseis

e à minha imaginação, cheguei em Gênesis 2.19-20: “Havendo, pois, o SENHOR Deus formado da terra todos os animais do campo e todas as aves dos céus, trouxe-os a Adão, para ver que nome lhes daria; e o nome que ele desse a todos os seres vivos, esse seria o nome deles. O homem deu nome a todos os animais domésticos, às aves dos céus e a todos os animais selvagens; mas para o homem não se achava uma auxiliadora que fosse semelhante a ele.” (Nova Almeida Atualizada). O uso do texto pode levar alguém a uma crise de fé, principalmente adolescentes e jovens quando questionados por professores pseudointelectuais querendo mostrar um saber superior aos seus alunos, com indagações do tipo: “Você realmente acredita que Deus fez passar todos os animais à frente de Adão? Você acredita que todos os insetos foram apresentados a Adão? Você pode me explicar como a fila foi formada com borboletas e tiranosauros rex?”. Perguntas mal-intencionadas e mal formuladas. Mal-intencionadas porque pretendem ridicularizar o cristão. Mal formuladas porque revelam total desconhecimento da hermenêutica bíblica. Gosto da percepção do professor Denis: “Estima-se que 85-90% das espécies, tanto terrestres como aquáticas, ainda não foram nomeadas e classificadas, de forma que a contagem final de espécies no mundo pode estar perto de 10 milhões, especialmente se a proporção de espécies crípticas for tão alta como alguns acreditam. Deus ordenou que Adão nomeasse todos os animais em Gênesis 2.19-20, mas ainda há um longo caminho a percorrer para que essa ordem seja cumprida!” (p. 106-107). Insinuar que nós, cristãos, acreditamos que nosso ancestral conhecia o latim para nomear um grande animal carnívoro como *Tyrannosaurus Rex* é plena idiotice. Insinuar que acreditamos que nosso ancestral teria entrado em detalhes na classificação dos animais beira a insanidade. Segue a ficha completa: “Reino: Animalia, Filo: Chordata, Clado: Dinosauria, Ordem: Saurischia, Subordem: Theropoda, Família: Tyrannosauridae, Subfamília: Tyrannosaurinae, Tribo: Tyrannosaurini, Gênero: Tyrannosaurus. O *Tyrannosaurus rex* sempre foi o favorito de meus netos.

Um alerta: “Vivemos num mundo dinâmico, onde novas espécies surgem constantemente, mas onde a taxa de extinção infelizmente supera em muito a taxa de nascimento das espécies. Antes de os humanos entrarem em cena, a taxa de fundo de extinção estava na faixa de 0,1 a 1 espécie extinta por milhão de espécies por ano, mas hoje as espécies parecem estar desaparecendo numa taxa entre cem e mil vezes mais rápida, em grande parte devido à remoção dos habitat naturais” (p. 107). Uma expectativa e uma esperança: “A ardente expectativa da criação aguarda a revelação dos filhos de Deus. Pois a criação está sujeita à vaidade, não por sua própria vontade, mas por causa daquele que a sujeitou, na esperança de que a própria criação será libertada do cativeiro da corrupção, para a liberdade da glória dos filhos de Deus. Porque sabemos que toda a criação a um só tempo geme e suporta angústias até agora” (Rm 8.19-22 NAA). Nomeemos e cuidemos dos animais até os novos céus e a nova terra.

E a auxiliadora que fosse semelhante ao homem? Bem, isso é outra história!

Pedro Jorge, Pr.